

## RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — Essa gente prefere Paris. Mais de uma vez tenho-me debruçado sobre uma alma assim — alguém que súbitamente provou o gosto da solidão, e depois de muitas paixões e tumultos se sente de súbito vazia por dentro. Querendo crer em alguma coisa e ao mesmo tempo achando que não vale a pena. Andando ao longo do cáis, pensando preguiçosamente em suicídio, mas tocando para a frente, vivendo...

Entretanto, essa francesinha com quem passeio hoje encontrou um pretexto para viver. Depois dos 30 anos, e de experiências de vida agitadas na Europa, na África e na América, descobriu que era pintora.

Subo seis escadas para chegar a um quartinho minúsculo e ver seus quadros, na luz pálida dessa tardinha de inverno. Digo coisas vagas mas encorajadoras. Na verdade, ela pinta lembranças da floresta sul-americana, com um expressionismo quase ingênuo que às vezes consegue alguma força, às vezes fica apenas numa barafunda de tintas.

Conhecemo-nos em Copacabana, tínhamos amigos em comum, e talvez também, em comum, uma leve antipatia mútua. Entretanto ela confessa que, quando soube que havia jornalistas brasileiros em Bogotá, procurou ver no jornal se o meu nome estava. Se estivesse — acrescenta — acha que não, não iria me procurar. Digo-lhe que afinal estão explicados os acontecimentos de Bogotá, os incêndios e assassinios; ela estava lá, essa parisiense nervosa, meio frenética, de sangue russo.

Não acha graça: a explosão popular e a estupidez da repressão a chocarem, seus quadros foram queimados, e entretanto há dias "em que francamente, vendo essa gente toda andando na rua, gosto de imaginar que, de súbito, todos se põem furiosos, a ulvar, a berrar, incendiando a cidade..."

Mas Paris lá fora permanece calma e bela. Descemos, andamos lentamente pelo Quai Voltaire. Foi o deus dos vagabundos que de repente ofereceu ao Sena essa tarde quase de primavera, essa luz ampla corando as nuvens no fim de um dia feio — exatamente uma tarde em que eu deveria trabalhar tanto. Súbitamente, ela começa a falar em seu pai, que a Gestapo matou, em suas irmãs distantes, em um pintor que encontrou em um dia de desespero e que também queria se matar, e ficaram os dois andando horas e horas ao longo do cáis. E diz que eu lhe pareço um homem sólido, calmo como um boi.

Sim, perto dela me sinto sólido, bovino, lento animal. Despeço-me. Vejo afastar-se seu vulto miudo, a caminho do pequeno quarto frio, no fim da escada magra e escura, naquela ruazinha estreita. É mais uma pessoa assim com quem esbarro em Paris — sózinha, sem rumo, se alimentando talvez dessa vaga cordialidade que existe no ar, dessa vaga coloração castanha que o sol de inverno ainda empresta de repente a uma nuvem.

Essa gente prefere Paris — para morar com seu desespero frio e seu tédio sem fundo.

16.2.50

R. B.

19.2.50